

O dinheiro em poder delas: a prática do xitique na cidade de Maputo

Catarina Casimiro Trindade¹

Resumo: A apresentação parte da pesquisa de mestrado em curso, sobre práticas endógenas de poupança e crédito rotativo na cidade de Maputo, Moçambique, mais concretamente a prática do xitique. Partindo da observação de que são as mulheres que, dentro da prática do xitique, discutem e estabelecem as regras do jogo, controlam e determinam como poupar e gerir o dinheiro acumulado, além de deterem o poder de decisão; e entendendo que os momentos de encontro entre essas mulheres são tidos como espaços de debate, de conversas, de extravasar as frustrações do dia-a-dia, de se expressarem através das músicas e das danças de uma forma própria, onde estão sós e mais à vontade, pretendo refletir sobre até que ponto estas práticas permitem uma maior visibilidade das mulheres na esfera pública e doméstica, quebrar barreiras, conquistar o seu reconhecimento, elevar o seu poder de negociação e exercitar os seus direitos, principalmente no espaço doméstico.

Palavras-chave: Poupança e crédito rotativo. Convívio. Controle. Poder de decisão

Introdução

Neste texto, pretendo apresentar algumas reflexões relativas aos primeiros dados da pesquisa de campo que efectuei na cidade de Maputo, entre os meses de Janeiro e Maio deste ano. A pesquisa centrou-se na prática do xitique, sistema de poupança e crédito rotativo, mais especificamente do xitique familiar. Através da participação nos encontros mensais e das conversas pessoais com membros-chave de duas famílias residentes na cidade de Maputo, procurei analisar as possíveis redes de solidariedade e ajuda mútua que se originam entre as praticantes, observar a circulação de bens que se desenvolve a partir e durante as cerimónias e entender os possíveis conflitos que podem vir a acontecer dentro do grupo. O xitique é mais do que um sistema de créditos e poupanças rotativas e permite uma maior visibilidade das ideias, práticas e subjetividades emancipatórias das mulheres, para além de potencializar estratégias dentro do jogo de relações de poder em que as mulheres se encontram. Sendo estas as principais praticantes deste sistema e as que mais marcam presença nos encontros, é objectivo desta apresentação reflectir, tendo como base os dados preliminares recolhidos em campo, até que ponto esta prática permite uma maior visibilidade das mulheres.

1. *O xitique, o xitique é que faz tudo: A prática do xitique*

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, Brasil.

Existem em todo mundo² vários tipos de associações rotativas de crédito e poupança, mais conhecidas na literatura internacional como ROSCA's (Rotating Savings and Credit Associations). Apresentam variações no que diz respeito à sua designação e às características gerais do seu funcionamento, mas é possível encontrar algumas características em comum. Em Moçambique não é diferente. De norte a sul, mas especialmente no sul, existem vários tipos de ROSCA's. De maneira geral, as actividades mais conhecidas são a *Kurhimela/Xitoco*, *Tsima/Ntimo*, que se fundam em actividades relacionadas com o trabalho agrícola, baseadas na amizade e convivência comunitária e o *xitique*, uma prática de poupança e crédito rotativo. Existem ainda outras que, apesar de menos conhecidas, penso ser importante mencionar, como *Matsoni/Xivunga*, que consiste em práticas tradicionais que se baseiam na troca de mão-de-obra por mão-de-obra, *Thôthôtho*, *Kuthekela*, *Ganho-ganho*, baseadas em troca de mão-de-obra por alimentos ou dinheiro e *Kuvekhelissa e Ovaliha*: troca de mão-de-obra pela acumulação de gado (Ibid.). Em Maputo, onde foi realizado o trabalho de campo, a mais conhecida prática de poupança e crédito rotativo é o *xitique*. Não existindo muita informação disponível relativamente às suas origens, sabe-se que, no período antes da independência (antes de 1975), havia uma proeminência de actividades caracterizadas pelo trabalho remunerado e outros esquemas de poupança e crédito. No período pós-independência e anterior às grandes mudanças políticas e económicas ocorridas no país (1975-1986), constatou-se que, apesar de uma ligeira tendência de crescimento na realização de práticas alternativas, não se registaram grandes alterações em termos dos tipos de actividades preferidas. O *xitique* tem como objectivo base a aquisição de bens, produtos e serviços que de outra maneira não seriam acessíveis a determinado grupo de pessoas mediante a escassez de moeda com que vivem (Cunha, 2011:1). Contudo, o que considero ser central na análise do *xitique* é o facto dele ser uma prática que vai além de uma estratégia de sobrevivência das pessoas empobrecidas, “*tem objectivos extra-*

² China (*hui*), Japão (*ko*), Vietname (*ho*), Camarões (*djanggis*), Nigéria (*esusu*), Cambodja e África Central (*tontine*), Coreia ([wichin gye](#)), República Democrática do Congo (*likelembas*), Guiné-Bissau (*abota*), Angola (*Kixikila*), entre tantos outros

económicos e contribui para a coesão social, controlo dos recursos existentes, identidade e afirmação” (Cunha, 2011:5). Proporciona ainda a criação ou fortalecimento de uma sociabilidade intra-grupo, revelando aspectos como a solidariedade, a confiança, o compromisso, a identidade, estratégias para ultrapassar o risco e a incerteza, status, poder, entre outros (Taniguti, 2012).

De maneira geral, o xitique consiste num grupo de pessoas, constituído por amigas/os, colegas de trabalho ou familiares, que estipulam um montante de contribuição assim como a periodicidade dos encontros para prestação de contas, distribuição rotativa do poupado por cada uma das pessoas envolvidas no grupo e confraternização. A forma de pagamento não tem que ser necessariamente monetária, sendo, no entanto, a mais comum na cidade de Maputo. Os fundos circulam entre os membros do grupo e a sua colecta e distribuição funciona, em regra geral, tendo como base a confiança e o compromisso, dentro da periodicidade e rotatividade previamente definida: diária, semanal, quinzenal, mensal, trimestral, ou outra, para o pagamento da sua contribuição. Apesar de ser previamente estabelecida, a repartição da poupança entre as pessoas pode ser alterada, principalmente em casos especiais como doença, morte, casamento, etc., desde que haja acordo entre os membros do grupo (Cruz e Silva, 2005:6). Muitas das vezes, os grupos de xitique têm objectivos concretos, como a compra de produtos para (re)venda, compra de terrenos, de material de construção para melhoria das habitações, o pagamento da escola e material escolar das crianças, a compra de objectos para a casa (loiças, electrodomésticos, mobília, roupas de cama, instalação de água e electricidade, entre outros), etc. No entanto, não é obrigatório que assim seja, existem grupos de xitique em que cada pessoa faz o que quer com o dinheiro que recebe. O mais importante a reter é que estes grupos baseiam-se na confiança mútua, pois não é qualquer pessoa que consegue fazer parte de um xitique. Quem contribui com o dinheiro está a adiar certos gastos e quem o recebe está a realizar gastos que, por si só, levariam mais tempo a acontecer. É necessário que cada membro dê a sua palavra, que é a de cumprir com todos os pagamentos, pois de outra

maneira as restantes pessoas saem prejudicadas. O compromisso é, aliás, uma questão de extrema importância para as pessoas envolvidas no xitique, algo bastante enfatizado por todas as mulheres com quem conversei. Uma das frases mais ouvidas durante a minha pesquisa, aquando dos encontros mensais, e enquanto as senhoras faziam a gestão do dinheiro, era “xitique é compromisso, ninguém pode atrasar ou faltar!!”. É crucial que exista confiança e principalmente um compromisso entre as pessoas envolvidas, pois todas dependem umas das outras para que o grupo funcione. Não é necessário que cada membro se conheça previamente, mas sim que cada um deles tenha sido trazido por outro membro, que por sua vez fica “responsável” pelo bom comportamento do membro que trouxe. É necessário também que todos estejam envolvidos em alguma atividade económica, seja ela um emprego formal ou pequenos negócios, pois de outra maneira a sua contribuição para o xitique ficará ameaçada. Sem estas bases, o xitique “cai”, não acontece.

Assim, o xitique permite às pessoas fazerem planos a curto e médio prazo, pois são “obrigadas/os” a poupar o valor estipulado, o que de outra maneira demoraria a acontecer, pois aparecem sempre despesas inesperadas. Esta é uma das principais razões apontadas pelas mulheres em relação aos motivos que as levam a aderir a grupos de xitique, pois uma vez entregue o dinheiro, não há como o pedir de volta, é necessário esperar até chegar a sua vez de recebê-lo. Além disso, e em comparação a ter uma conta no banco ou abrir uma conta poupança, o xitique não tem juros, não tem despesas de movimentos e manutenção, não requer a apresentação de documentos pessoais e não requer uma relação institucional. A criação e/ou fortalecimento de laços entre as mulheres, de redes de entre-ajuda e a solidariedade que se cria, o convívio em que participam, são também razões apontadas pelas mulheres para a sua entrada em grupos de xitique.

2. Xitique familiar – uma inserção em campo

A maior parte das pessoas pertence, normalmente, a dois tipos de *xitique*: com amigos/vizinhos/colegas de trabalho e com familiares. O *xitique* familiar é feito entre membros de uma mesma família, sejam eles próximos ou mais afastados, consanguíneos ou por afinidade. A criação destes grupos, normalmente por iniciativa das mulheres, dá-se pelo facto das pessoas viverem espalhados pela cidade, longe umas das outras e terem uma vida corrida, que não lhes permite verem-se e conviverem tanto quanto gostariam. Sobre esta questão, uma das entrevistadas conta que a ideia do *xitique* surgiu depois da sua mãe reclamar várias vezes que nunca ninguém a visitava, o que fez com que ela e a irmã pensassem em usar o *xitique* como forma de as visitas se tornarem obrigatórias. Além disso, conforme me foi dito por algumas mulheres, certos grupos são criados após cerimónias familiares, como um falecimento ou casamento, onde as pessoas se apercebem que precisam umas das outras e que, juntas, conseguem resolver com mais facilidade problemas que surgem. Tal foi o caso de uma das entrevistadas, cuja doença da neta foi percebida durante um dos encontros, por uma irmã que nunca tinha visto a criança e reparou numas manchas que esta apresentava. O objetivo destes *xitiques* é, assim, e conforme as mulheres com quem conversei, conviverem uns com os outros, já que o dia a dia é muito corrido e só o celular funciona. Como me disse uma das entrevistadas:

- *“É muito raro eu ir...outras vivem na Matola, não sei aonde, não é fácil, não é fácil. Agora aquele dia do xitique, estamos todos juntos. Aquilo é assim.”* (D. Fatú)

A escolha da casa onde se faz o encontro é rotativa e este é sempre acompanhado por um lanche ou almoço. Uma das famílias com quem convivi fazia sempre um lanche, entre a primeira e a segunda semana do mês, com no máximo 3h de duração, enquanto a outra família fazia um almoço bastante demorado, transformando-se normalmente em jantar, com danças e cânticos. Para os encontros, os membros do grupo fazem uma contribuição para as despesas com as comidas e bebidas, ou cada um traz um prato de casa, normalmente o que cozinhará para si nesse dia. Alguns

grupos fazem contribuições em dinheiro, que é depois depositado numa conta no banco e que serve para eventuais emergências ou cerimónias, como casamentos e funerais.

As mães do xitique, mesmo na escuridão da noite, elas acendem: xitique, uma prática feminina

Nas duas famílias analisadas, os grupos de xitique são compostos maioritariamente por mulheres. O seu perfil é diverso: têm idades compreendidas entre os 20 e poucos e os 60 e muitos; são solteiras, casadas, divorciadas ou viúvas; com e sem filhos; donas de casa, com emprego formal ou informal, sendo que todas as senhoras que não trabalham fora de casa têm alguma atividade, como fazer comida e bolos para fora; são de diversas religiões, sendo as predominantes a católica, numa das famílias, e a muçulmana, na outra. São mulheres activas, que além de trabalharem dentro e fora de casa, possuem outras atividades que as ocupam o dia todo, como cuidar dos netos, dos sogros, assistir a familiares doentes, coordenar reuniões com o grupo da igreja a que pertencem, participar de outros grupos de xitique, visitar conhecidos que não se encontram bem de saúde, entre tantas outras. Em ambos os grupos há homens (num grupo 1, noutro 3), mas estes quase nunca estão presentes nos encontros. É um espaço de convívio claramente feminino. Em ambos os casos, foram as mulheres que tiveram a ideia e incentivaram a criação dos grupos (tanto as mais novas quanto as mais velhas), são elas que organizam e coordenam tudo, marcam os encontros, organizam e levam as comidas, se reúnem para gerir as contas e fazer as anotações nos cadernos, entre outras atividades. Normalmente, nas duas famílias analisadas, os encontros são marcados para as 14h (sendo um lanche e o outro almoço). No entanto, há sempre muito atraso, e as senhoras vão chegando em momentos diferentes. No dia dos encontros, e isto é válido para os dois grupos, as senhoras vão chegando aos poucos, carregando pratos de comidas/sobremesas/salgados/bebidas,

algumas acompanhadas dos filhos (com idades entre os 2 e os 12 anos), organizando as comidas em mesas previamente montadas nalgum canto do jardim (todos os encontros eram feitos na parte de fora das casas) e sentando-se, iniciando conversas com as outras mulheres. As conversas iam surgindo à medida que as senhoras chegavam e se sentavam perto umas das outras e pulavam de tema em tema, além de serem várias ao mesmo tempo. Os temas passavam pelo cuidado e educação das crianças, moda, comida e receitas partilhadas, sobre pessoas que não se encontravam ali, conhecidas de várias delas, doenças e como tratá-las, cabelos, cortes, alisamentos e extensões de cabelo, problemas familiares de vários tipos, casos de violência doméstica vividos por algumas delas, conselhos sobre assuntos diversos, casamentos, entre outros. É um momento onde claramente as mulheres se sentem à vontade para falar, debater, confessar, aconselhar, beber, rir, comer, dançar, cantar, desabafar umas com as outras, sem a presença dos homens ou de outras pessoas de fora que as inibam. Como bem aponta uma das senhoras com quem conversei:

- Dançamos no xitique, brincamos...hum...também damos moral, isso é muito bom...dar moral, as pessoas brincam...a pessoa sai de casa, está triste, quando chega no xitique volta já muito feliz.

É também um momento de aprendizado, socialização das crianças, sempre presentes desde cedo, troca de experiências, de esquecer, nem que seja por algumas horas, todos os problemas com que lidam no dia a dia. Aproveita-se também para organizar algumas cerimónias familiares, como aconteceu num dos encontros a que fui, onde as irmãs e primas discutiram como seria a organização do casamento de uma delas, assim como distribuíram as tarefas a cada uma. Outra atividade observada durante os encontros foi a venda de roupas de segunda mão, por uma das senhoras. Ela aproveitava que ali se encontravam muitas mulheres e vendia as suas mercadorias, momento que criava sempre risadas, pedidos de opinião em relação a alguma peça de roupa e muitas delas a

experimentarem roupa ali mesmo. Sobre o facto de o dia do encontro e entrega do dinheiro ser mais um momento de convívio entre as mulheres, uma das entrevistadas disse:

- (...) é uma forma de convivência. (...) então ali tem muitas conversas, muito risos, brincadeiras...a pessoa senta na esteira, conversa, até ri, deita-se, faz palhaçadas...e aquela pessoa vai já feliz. Quando nós sabemos que próxima semana é semana de xitique, já sabemos que é p'ra irmos conversar e brincar como solteiras. E ali até sai dicas da vida, como é que a gente é, como é que devemos viver (...).

Conclusão

Assumindo o carácter preliminar que esta pesquisa possui, e reflectindo sobre tudo o que presenciei, ouvi, vi e registei, colocarei aqui algumas questões que penso serem pertinentes para pensar o xitique do ponto de vista extra-económico. Ao participar nos encontros e presenciar a interacção entre as mulheres, é notório o papel fundamental que elas exercem na dinamização e manutenção das redes de entre-ajuda, de troca e solidariedade, sem mencionar os laços afectivos que se criam e fortalecem através do xitique. Será possível mudar olhar e pensar nesta prática como uma instituição, no sentido de ser muito bem organizada, com regras e normas, com responsáveis, registos escritos, entre outros aspectos? Como um meio de evidenciar competências de gestão, liderança, resolução de conflitos, educação entre pares, competências essas muitas vezes não reconhecidas? Pensar no xitique como um meio de influência social, uma forma de luta e resistência, de autonomia, com potencial para a mudança nas dinâmicas de poder existentes tanto a nível privado quanto público?

Termino esta apresentação buscando a fala de uma das senhoras com quem mais conversei, a D. Fátima, que comenta sobre o porquê de fazer parte de um grupo de xitique:

- (...) nós fundamos esse xitique aqui p'ra ajudarmos, convivermos, somos uma família do xitique, não é que alguém depois há-de ver a outra, fala mal dela, porque aquela não sei quê...aqui não existe feia nem pobre, aqui. Somos todos iguais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Teresa, A arte de xiticar num mundo de circunstâncias não ideais. Feminismo e descolonização das teorias económicas e contemporâneas. In: Cunha, Teresa *et al* (org.) *Ensaio pela democracia. Justiça dignidade e bem-viver*. Porto: Afrontamento. (no prelo), 2011

DAVA, Gabriel, Low, Jan e Matusse, Cristina, Capítulo 6: Mecanismos de ajuda mútua e redes informais de protecção social: estudo de caso das províncias de Gaza e Nampula e a cidade de Maputo *in: Pobreza e Bem-Estar em Moçambique*, 1996-1997. Disponível em <<http://www.ifpri.org/sites/default/files/pubs/portug/pubs/books/ch6.pdf>> Acesso em: 12 Abr. 2011

DE VLETTER, Fion (prepared by), Microfinance in Mozambique – Achievements, Prospects and Challenges. A report of the Mozambique Microfinance Facility, 2006. Disponível em <<http://www.gdrc.org/icm/country/microfinance-mozambique.pdf>> Acesso em: 12 Abr. 2011

FRANCISCO, António e Paulo, Margarida, *Impacto da Economia Informal na Protecção Social, Pobreza e Exclusão: A Dimensão Oculta da Informalidade em Moçambique*. Maputo: Cruzeiro do Sul, Instituto de Investigação para o Desenvolvimento José Negrão, 2006. Disponível em <http://www.iid.org.mz/impacto_da_economia_informal.pdf> Acesso em: 12 Abr. 2011

GEERTZ, Clifford. The rotating credit association: a middle “rung” in development in *Economic development and cultural change*, volume 10, número 3, Abril de 1962, p. 241-263. <http://hypergeertz.jku.at/GeertzTexts/Rotating_Credit1.htm>

GOMES, Xadrique, Viver com o dinheiro dos outros. *Jornal Verdade*, 17 de Outubro de 2008. Disponível em <<http://www.verdade.co.mz/index.php?>

[option=com_content&view=article&id=241:xitique&catid=43:economia&Itemid=27](#)» Acesso em:
10 Abr. 2011

TANAGUTI, Gustavo Takeshy, Crédito ente imigrantes: experiências de *tanomoshi-ko* no bairro da Liberdade, São Paulo in *The Annual Report: The Study of Nonwritten Cultural Materials*, número 8, Março de 2012, p. 53-79

TRINDADE, Catarina Casimiro, Convívio e solidariedade: Práticas de xitique em Moçambique. In: Cunha, Teresa *et al* (org.) *Elas no norte e no sul. Artº Feminino*. Coimbra: AJP, 2011